

Discussões acerca da maternidade nos romances *Nada lhe será perdoado* e *Casas vazias*

Maria do Carmo Almeida de Oliveira (UEPB)*
ORCID 0000-0003-0178-6028

Resumo: Este artigo tem como objetivo ler a maternidade nos romances *Nada lhe será perdoado* (1953), da portuguesa Maria Archer, e *Casas vazias* (2019), da mexicana Brenda Navarro. A personagem Biluca Morgado, do primeiro romance, e a narradora do segundo adotam posicionamentos semelhantes em torno do mesmo assunto. O estudo analisa, nesse caso, a imposição e a cobrança da sociedade patriarcal sobre a maternidade. Observando as figuras femininas à luz da crítica feminista, e a partir de ensaios de Elisabeth Badinter (1985), bell hooks (2019), Stelin e Monteiro (2011), dentre outros, discutem-se questões referentes a novos paradigmas para pensar a maternidade fora dos padrões estipulados pela sociedade patriarcal. Os dois romances rompem com o perfil e a tarefa da maternidade impostos à mulher, ao mesmo tempo em que permitem larga reflexão crítica sobre o assunto.

Palavras-chave: romance português; romance mexicano; maternidade; feminismo

Abstract: This article aims to read maternity issue in the novels *Nada lhe será perdoado* (1953), by Portuguese writer Maria Archer, and *Casas vazias* (2019), by Mexican writer Brenda Navarro. The character Biluca, in the first one, and the narrator, in the second one, positing themselves in a similar way about this issue. The study analyzes the imposition and expectation from patriarchal society on motherhood. Taking feminine characters from an approach of the feminist criticism and from essays of Elisabeth Badinter (1985), bell hooks (2019), Stelin and Monteiro (2011), among others, are discussed questions related to new paradigms to think of motherhood out of patterns established by patriarchal society. Both novels break a profile and a work put over woman, at the same time they allow a thinking of that theme.

Keywords: Portuguese novel; Mexican novel; motherhood; feminism

Recebido em: 10 nov. 2022 | Aprovado em: 10 dez. 2022

* Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: maria.carmo.almeida.oliveira@aluno.uepb.edu.br.

Introdução

Para muitos, ser mãe é uma característica inata feminina, ou seja, não haveria outra realidade possível para a mulher, e ir de encontro a essa aptidão seria ir contra o próprio gênero. Quantos discursos já ouvimos em torno dessa ideia? Sob o ponto de vista do modelo patriarcal dominante até os dias atuais, a maternidade seria obrigatória. Em raríssimos casos, é uma escolha que envolve os sentimentos e condições da mulher. Referindo-nos mais particularmente a nossa sociedade, “percebemos que a exigência social é investida no lugar do desejo, na inexorabilidade de não recusar a maternidade”, conforme explicam Stelin e Monteiro (2011, p. 176). Na maior parte das vezes, “As falas apontam uma obrigatoriedade social de ter filhos, aparentemente não mostrando uma subjetividade que se expresse como desejante” (2011, p. 176). Tal cenário nos leva a indagar: o amor pelos filhos é universal? A resposta vem a partir de estudos da filosofia. Segundo Elisabeth Badinter (1985), este amor inato das mães pelos filhos é mais um mito espalhado ao longo da História, de acordo com os modelos ditados pelo patriarcado¹, pois o amor materno é um sentimento e, assim, como outros sentimentos, pode ser variável, incerto, frágil e imperfeito.

Há muito tenta-se esclarecer este mito. Adverte Badinter:

Há mais de trinta anos uma filósofa, Simone de Beauvoir, questionou o instinto materno. Psicólogos e sociólogos, em sua maior parte mulheres, fizeram o mesmo. Mas como essas mulheres eram feministas, fingiu-se acreditar que sua inspiração era mais militante do que científica. Em lugar de discutir seus trabalhos, foram muitos os que ironizaram a esterilidade voluntária de uma agressividade e a virilidade da outra (Badinter, 1985, p. 21).

Outro aspecto importante é que, a partir da Modernidade, “na constituição da família nuclear e valorização do infantil, surge a função de mãe cuidadora. A mulher foi reduzida à figura de mãe em uma época de grande influência das regras da medicina e do poder médico” (Stelin, Monteiro et al., p. 171). Ao longo da História, percebemos o quanto o gênero feminino lutou e necessitou se impor para chegar às próprias decisões. Desde a Eva bíblica, a mulher é constantemente perseguida e taxada como impura, pecadora, transgressora, e, mesmo em contextos de extrema pobreza, se ela não chegar a ser mãe, será tratada como alguém que foge à natureza feminina e, portanto, um ser inacabado que precisa gerar para se completar.

Com o surgimento do movimento feminista, essa situação passou a ser questionada. Segundo bell hooks (2019), no início desse movimento de libertação das mulheres da opressão sexista,

algumas mulheres de classe média e com ensino superior propuseram o argumento de que a maternidade constituía um sério obstáculo à libertação das mulheres, um mecanismo ardiloso destinado a confinar as mulheres em casa, mantendo-as prisioneiras de tarefas domésticas como limpar, cozinhar e cuidar de filhos. Outras simplesmente identificaram na maternidade e na criação dos filhos o *locus* da opressão da mulher (hooks, 2019, p. 195).

¹ Segundo o site “Politize!”, “o patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual”. Disponível em: <https://www.politize.com.br/patriarcado/>. Acesso em 05 ago. 2022.

Desse modo, a ideia da mulher-mãe seria mais um dos artifícios para que elas fossem enclausuradas no âmbito doméstico. Negar a imposição da maternidade e fazer dela uma escolha é uma das lutas empreendidas pelo movimento feminista, porém a mulher ainda tem muito caminho a percorrer e batalhas a enfrentar para que a opressão sobre si possa ser desvencilhada.

Dentro dessa perspectiva feminista, estudaremos neste trabalho personagens de dois romances, *Nada lhe será perdoado* (1953), de Maria Archer² e *Casas vazias* (2019), de Brenda Navarro³. Ambas as escritoras, à frente dos ditames de sua época e a partir de suas experiências, constroem uma literatura que percorre o mais íntimo das mulheres – seus comportamentos, histórias e até mesmo seus principais pensamentos, anseios e fantasias.

Desse modo, nosso objetivo é compreender como o estereótipo da maternidade cerceia a vida da personagem Biluca Morgado, de Maria Archer, e de uma das narradoras⁴ do romance de Brenda Navarro (a que rapta o filho da outra). Buscaremos entender de que forma a maternidade imposta e o que se espera dela na sociedade se realizam nessas mulheres fictícias, embora verossimilhantes e facilmente localizáveis em nossos variados entornos.

Biluca Morgado: ser mãe para ser salva

Ao longo de sua produção literária, Maria Archer abordou a realidade das mulheres em Portugal, cuja dependência, sobretudo nas décadas de 30 e 40, é denunciada no romance foco deste artigo, por meio da personagem Maria da Luz Morgado Tangarrinha, ou apenas Biluca Morgado. Ela, desde menina, esteve dependente economicamente da família e essa sujeição se fez presente em sua trajetória até onde se narra o livro. Uma sujeição que passa do seio familiar para a necessidade de obter um casamento com um marido que a sustente, dando-lhe os luxos de que precisa para estar bem diante da sociedade. Nesse contexto, a questão da maternidade se coloca como possibilidade de manutenção da mulher em um relacionamento que lhe dê dignidade (leia-se condições financeiras e reconhecimento da sociedade) para a época.

Biluca fora criada pela avó materna, a qual decide quando e com quem a neta deve se casar (mesmo que ela esteja apaixonada por um rapaz), pois, segundo ela, “o dinheiro, muito dinheiro, era base indispensável na dignidade da vida, – talvez mesmo na ventura do lar” (Archer, 1953, p. 95). Portanto, um casamento rico, com alguém de sua classe, como o Júlio Soares, seria um motivo de orgulho e razão para a felicidade.

Todavia, era um casamento sem amor e baseado no apoio financeiro. Até que veio a descoberta da gravidez: “A viagem do Júlio era um castigo imposto e eu não me sentia obrigada a partilhar desse castigo. Havia ainda que estava grávida. Suspeitava disso desde a minha última estadia do meu marido e a suspeita confirmara-se depois” (Archer, 1953, p. 138). A gravidez traria sentimentos opostos, pois Biluca não sentia o amor materno e

² Maria Emília Archer Eyrolles Baltasar Moreira nasceu em Lisboa, no dia 4 de janeiro de 1899, e foi uma grande escritora que, em sua obra, transmitiu também um pouco de autobiografia, visto que, suas personagens são atravessadas pelas experiências da própria autora. Sua obra foi perseguida pelo regime Salazarista de Portugal e teve que vir para o Brasil em busca de sobreviver do seu trabalho de escritora. Aqui viveu de 1955 a 1979 quando retornou doente para Portugal e faleceu, três anos depois, na Mansão de Santa Maria de Marvila (Lisboa). Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/maria-archer.html#.YzHESHbMK5c>. Acesso em 22 ago. 2022.

³ Brenda Navarro é uma escritora nascida no México, em 1982, que vive em Madri. Estudou Sociologia e Economia Feminista no México e fez mestrado em Estudos de Gênero em Barcelona. Além da atuação em órgãos que lutam pelos direitos humanos, destaca-se seu envolvimento em projetos que buscam promover a escrita de mulheres, como o Enjambre Literario, fundado por ela, que teve como objetivo divulgar vozes femininas da América Latina a partir da publicação de suas obras. Disponível em: <https://dublinense.com.br/livros/casas-vazias/>. Acesso em 12 set. 2022.

⁴ As narradoras deste romance não são nomeadas na obra.

incondicional que se prega estar presente em toda mulher, mas, ao mesmo tempo, havia certo alívio por esse filho (ainda um embrião) ser a garantia de conservação do casamento conveniente:

O filho que gestava no meu ventre carregava-me de novos deveres e eu inventariava-os e somava-os aos que me pesavam e destruíam. Talvez por isso não me entregava à maternidade com enlevo nem a tomava como compensação. Casara com o Júlio para me instalar na vida e o filho que me vinha dele entrava nesse complexo e não se desassociava dessa estrutura econômica (Archer, 1953, p. 142).

Ou seja, o filho gestado era parte de uma estrutura econômica que garantiria a estabilidade de Biluca. Saem os ideais de maternidade pura e altruísta, entram em cena as necessidades financeiras imediatas e duradouras. Ser mãe era um dever pesado para a personagem, mas essencial na roda de falsidades e conveniências da sociedade em que ela vivia. Entretanto, uma virada na história mudaria toda a estratégia planejada e Biluca sofre um aborto espontâneo. Finda-se, pois, a possibilidade de permanência de Biluca na casa dos sogros, finda-se um casamento sustentado por amarras tão efêmeras e frágeis. Não há mais uma gravidez, e nenhum sentimento de amor materno se percebe nessa perda, somente a ideia de falta de amparo financeiro. A personagem começa a se sentir uma intrusa, inserida num lugar que não é nem nunca fora seu: “O desaparecimento do meu filho desgastara o último liame que me prendia àquela gente. Eu, essencialmente, não lhes era nada. Fora um meio, um agente, uma fórmula de continuidade hereditária. Fora, já o não era” (Archer, 1953, p. 145).

Dessa forma, percebemos a mulher como mero instrumento para a continuidade hereditária em contextos patriarcais. Biluca, desamparada após o aborto, tinha a promessa do sogro de auxiliá-la com um testamento, mas ele morreu antes disso se concretizar. Assim, divorciada, sem dinheiro ou apoio familiar (voltar para o jugo da avó não era nem uma hipótese), a personagem sonha em casar-se novamente para adquirir a estabilidade financeira com a qual tanto sonhou. Queria livrar-se tanto da miséria quanto da humilhação social.

Até que decide trabalhar e em um desses empregos de rápida duração – não fora criada para trabalhar – conhece Raúl Nogueira, viúvo, com quem passa a ter um relacionamento marital sem o casamento se efetivar civilmente. O casamento já não era seu principal objetivo, ser sustentada por um homem era suficiente. Então, numa das pensões em que se hospedara, conheceu Raúl da Costa, um viúvo milionário, com quem tinha fortes intenções de consolidar laços matrimoniais. Contudo, o casamento não veio, e sim uma relação marital sem os laços do matrimônio – malvista para a época e escondida do julgamento social.

Foi justamente nessa época que Biluca se percebeu grávida: “Por essa altura, a mais despropositada, andava comigo, em consistência de dois meses, uma ilusão de maternidade. Miragem deleitosa das perspectivas intrínsecas e ainda porque o Raúl me prometera que o nosso filho nasceria de mãe honrada” (Archer, 1953, p. 253). Mais uma vez, um filho era visto como positivo não pela ideia da maternidade romantizada, mas pelas garantias que traria para a manutenção das regalias da personagem: “Eu, o ventre mater onde se gerava o seu filho, considerava-me de tal modo ligada a ele que não me aquietei da ausência de dias. O meu corpo guardava o penhor do seu afeto e a minha alma as suas promessas” (Archer, 1953, p. 254).

Ela não contava, mais uma vez, com a fragilidade dessa gestação ainda inicial: “A minha saúde ressentiu-se do moral e um dia, sem mais razão, ou talvez por incapacidade biológica, deixei de aguardar a maternidade. Era a segunda vez que o Destino me feria na carne de um filho” (Archer, 1953, p. 260). Portanto, novamente abortara o filho tão

desejado que lhe daria um posto na sociedade, o de mãe de família, casada, rica e bem-vista. Desvanecem, portanto, os anseios da maternidade e, com eles, a ilusão da vida em torno do modelo social determinado como perfeito. Quase sem palavras, com reticências que refletem suas incertezas, Biluca reflete sobre essa perda:

O filho que representaria os meus direitos... O filho que o Raúl não poderia esquecer quando me esquecesse... Quando eu fosse, para ele, como ‘as outras’... O filho, que os filhos do Raúl seriam forçados a reconhecer como irmão... O filho, que eu tinha o dever de impor perante a fortuna do Raúl e que, herdeiro da sua parte, me protegeria na medida em que eu tivesse sabido defendê-lo... (Archer, 1953, p. 260).

Assim, em sua segunda gravidez perdida, a personagem não revela, mais uma vez, sentimentos de tristeza pelo desvanecimento de uma futura criança, do “rebento sagrado da maternidade”, da “consolidação de todos os desejos de uma mulher”. O amor materno, para ela, nada mais era que uma função a ser exercida com a finalidade conveniente de garantia de sua vida despreocupada, cheia de mordomias e de reconhecimento social.

Mãe a qualquer custo

Casas vazias, primeiro romance escrito pela mexicana Brenda Navarro, é uma narrativa literária que trata da maternidade pela perspectiva de duas personagens que convergem no mesmo filho-objeto: Daniel/Leonel. Isso porque, para que a maternidade da personagem/narradora foco desta análise (não nomeada no livro) se consolide, ela precisa raptar o filho da outra (também sem nome para nós), numa tentativa arriscada e desesperada de suprir a necessidade de ser mãe.

O desejo dela é ter uma filha, uma menina, com seu namorado Rafael. Entretanto, o rapaz não permite que o ato sexual se complete, deixando-a sempre à espera, em busca dessa filha ideal, presente nos seus anseios mais íntimos:

Ele não fez minha filha, quando estava quase lá, ele saiu e jogou todo o sêmen na minha barriga. Depois se recostou ao meu lado e disse para eu me limpar com o lençol. Fiz o que ele disse, estava meio confusa, porque fiquei pela metade, mas não disse nada porque tinha como que uma tristeza por ele não querer fazer a minha filha em mim, pois eu achava que para isso era que a gente se deitava com um homem, pra fazer filhos (Navarro, 2022, p. 48).

Ora, no pensamento da narradora, não procriar seria fugir à regra preestabelecida e lhe dava uma sensação de incompletude que não era preenchida, a não ser que gestasse. Para preencher o vazio existencial de sua vida, pelo fato de não ter tido a filha sonhada, pegar o filho de outra mulher perde o sentido de crime e passa a ser uma obrigação, uma necessidade essencial. Também era uma forma de fazer o companheiro mais feliz, ou, pelo menos, ela achava que o pudesse fazer mais feliz com uma criança. Houve, inclusive, uma gravidez do casal. No entanto, ela nem soubera do estado em que se encontrava e entrou em processo de abortamento espontâneo:

E me engravidou, mas eu não sabia disso até que a doutora do plantão das seis da manhã me disse que era bom que eu não tivesse provocado o aborto, porque podiam me pôr na cadeia, e eu não sei que cara devo ter feito que ela percebeu que eu nem sabia que estava daquele jeito, então ela apenas pôs a boca no meu braço e me deu uma palmadinha e foi embora. E eu chorava por tudo, porque sentia que a gente podia, sim, ter

salvo ele, porque a sangueira começou desde cedo, pela tarde, no dia anterior (Navarro, 2022, p. 98).

A maternidade, assim, tão esperada, se esvaiu em sangue naquele hospital. Vejamos que, diante da condição social dela, mulher pobre da periferia, muitas mulheres, inclusive a médica, julgavam-na, como se tivesse praticado o aborto – de forma clandestina e desassistida, evidentemente –, com ameaças e olhares preconceituosos.

Portanto, ser mãe não é tão glamouroso quanto pregam os discursos patriarcais, nos quais a mulher tem como dom e missão a maternidade, praticada com amor, zelo e intuição somente presentes no feminino. A literatura, pois, nos mostra essa realidade muito mais concreta quando olhamos a nossa vivência não mascarada de mães de verdade, passíveis de erros, arrependimentos e descontentamento. A narradora, inclusive, experimentou a maternidade real – e não ideal – a partir do momento que raptou Daniel/Leonel de sua mãe biológica:

Antes Leonel não tivesse chegado nas nossas vidas. Antes tivesse começado a chorar bem alto quando devia ter chorado, e não depois, já no caminho. Eu era a mulher da sombrinha vermelha que entrou no táxi quando começou o alvoroço no parque. Claro que abracei ele enquanto chorava, mas é que ele chorava muito; semanas depois nos disseram que ele tinha autismo e que talvez por isso não gostava de quase nada. Foi nesse momento que me arrependi de querer ser mãe (Navarro, 2022, p. 39).

A personagem, assim como tantas mulheres reais, cuidava da casa, da comida, da roupa, trabalhava fazendo paletas para sustentar a casa, e ainda precisava cuidar do filho – e, diga-se de passagem, cuidar bem, pois ela era uma mãe. E que mãe de verdade cuidaria mal de seu filho? Era o discurso que permeava a mente dela: “Não havia descanso pra mim, nem uma filha pra abraçar ou papear, apenas Leonel, que passava o tempo cagando nas calças, e Rafael, que, quando chegava, era só pra encher o saco” (Navarro, 2022, p. 47). Esse quesito relacionamos ao que afirma Adichie (2017):

Nossa cultura enaltece a ideia das mulheres capazes de “dar conta de tudo”, mas não questiona a premissa desse enaltecimento. Não tenho o menor interesse no debate sobre as mulheres que “dão conta de tudo”, porque o pressuposto desse debate é que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos é uma seara particularmente feminina, ideia que repudio vivamente. O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue “dar conta de tudo”, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar (Adichie, 2017, p. 17-18).

Logo, o sonho da maternidade perde a beleza da idealização e mostra sua real face: não é fácil ser mãe. Não é fácil porque dá trabalho e ainda achamos que é preciso nos enquadrar nesse posto de mulher-super. Como a personagem-objeto dessa análise não possuía uma rede de apoio para exercer a sua maternidade de forma mais leve, o sofrimento de ser mãe era muito mais sobressalente que as alegrias da maternidade. Por isso, o mito do amor materno não deve ser tomado como modelo de conduta aplicável em qualquer contexto.

A convergência entre a maternidade das duas personagens analisadas: épocas distintas, mas situações semelhantes

De acordo com a análise, observamos que, tanto no romance de Archer, da década de 50, quanto no de Navarro, contemporâneo, de 2019, percebemos a maternidade como um elemento salvador para a mulher, e não porque ela teria esse dom inato, mas pelo fato de precisar desse artifício para chegar a algum objetivo: a garantia de um sustento digno para o resto da vida ou a realização de um sonho ideal que envolvia a manutenção de um relacionamento fracassado.

Nesse ponto, entram em choque as questões passadas no romance com a ideia do mito do amor materno, pois, segundo ele,

A procriação é uma das doçuras do casamento: e que seria mais natural que amar em seguida os seus frutos? Quando os esposos se escolheram livremente, o amor que sentem um pelo outro se concretizará naturalmente em sua prole. Os pais amarão mais os filhos e as mães, dizem, retornarão livre e espontaneamente a eles (Badinter, 1985, p. 127).

Essa é a ideia da maternidade que se difunde amplamente pela mídia. A maternidade real fica restrita ao ambiente doméstico e privado, e é retratada nos romances, embora a narradora de Navarro tivesse a ilusão de chegar a esse ideal de procriação doce, dentro de um casamento amoroso, fato que fora barrada pela crueldade do mundo real: um aborto e um “filho”, fruto de um rapto, autista.

Como já destacamos, o desejo de maternidade das duas mulheres dos romances tinha o seu objetivo pragmático. Biluca, em seus pensamentos, referia:

eu estava grávida, grávida de um Soares, um Soares ausente, era a mulher de um Soares, tornava-se lógico que mantivesse o meu posto na tribo dos Soares e instalasse o meu filho, desde a pré-natalidade, dentro das regalias a que tinha direito, isto é, na canônica do amor dos avós e esperanças de privilégios na sua herança (Archer, 1953, p. 139).

Assim, o próprio filho atuava como um objeto de valor a ser usado como moeda de troca no seio familiar pouco consistente em que ela se inserira. Biluca Morgado não chegou nem a parir, e já viu desvanecer seu projeto de vida.

A narradora de Navarro era mãe de uma criança raptada que não mudou o seu namorado, não deu a ele responsabilidade de marido, nem trouxe para a ela o modelo de como ser mãe, e mãe realizada. Ela via que a maternidade era algo a ser aprendido na prática e não em teorias, livros, ou em conversas ao pé da janela. Por isso, aquele ideal de mãe que ela pensava adquirir logo que desse à luz uma menina linda, inteligente e companheira se desmanchou no ar. Segundo hooks (2019),

No dicionário, a definição da palavra “pai” relaciona o seu sentido à aceitação de responsabilidade, sem mencionar palavras como “ternura” e “afeto”, normalmente mencionadas na definição da palavra “mãe”. Ao transferir para a mulher a total responsabilidade pela nutrição – e isso significa satisfazer as necessidades materiais e emocionais das crianças –, a sociedade reforça a ideia de que a mãe é mais importante que o pai (hooks, 2019, p. 200).

Esses ideais são pregados por uma sociedade patriarcal, em que a mulher, dona de casa e rainha do lar, desse ambiente doméstico não poderia sair. Logo, a responsabilidade

por cuidar dos filhos era dela, e esse peso vem sendo carregado por inúmeras mulheres ainda nos tempos de hoje. Por que a sociedade critica tanto uma mulher que decide fazer um aborto e faz vista grossa sobre pais/genitores que “abortam” essas crianças por meio do abandono parental?

Então, verificamos que o peso da sociedade é muito forte sobre as mulheres, e a questão da maternidade está inserida nesses ditames como mais um elemento de cerceamento da liberdade feminina. Com isso, não queremos dizer que ser mãe é ruim. Pelo contrário, afirmamos que, sim, pode ser uma **escolha** extremamente prazerosa para mulheres, assim como a paternidade pode ser para os homens. No entanto, como foi destacado, deve ser uma escolha e não uma obrigação social e de gênero.

A idealização dos filhos (não tidos) também é algo em comum entre as duas personagens. Percebemos que, pelo fato de não serem mães ainda, elas se colocam numa posição de endeusamento das criaturas vindouras. Ora, o fato de a mulher dirigir seu olhar desejoso de ser mãe para um objeto/criança capaz de completar sua existência vazia (o próprio título do romance remonta a essa ideia, visto que as *Casas vazias* não se referem somente a um imóvel, mas a essas duas mulheres que buscam preencher seus vazios existenciais), e ver essa criança pela segunda vez num parque desacompanhada, deu-lhe ânimo para tomar a atitude desesperada de raptar o menino. Vale destacar que essa mulher, mesmo com o menino tido como seu filho, não pôde se sentir completa. E Biluca Morgado, em suas duas gravidezes interrompidas, também viu o seu anseio por completude se esvaír em sangue. Dessa forma, cai a máscara da maternidade intocável e entra em cena a maternidade real, que pode ser complementar à vida de muitas mulheres, mas também um fardo a se carregar a vida inteira.

Discussões sobre estes temas tornam-se cada vez mais frequentes, porém, ainda não alcançaram um nível de conscientização global, não alcançou ainda todos os extratos sociais, não se solidificou nas classes populares. Por isso, a importância dos Estudos de Gênero e da crítica feminista, sobremaneira, porque esta corrente crítica que trata “de aspectos diferenciadores, no plano estético, da elaboração da personagem, que acreditamos estarem relacionados ... a uma condição e a uma imagem de mulher, do indivíduo do gênero feminino que vem adquirindo outro status na sociedade após as lutas feministas (Medeiros, 2019, p. 55).

Considerações finais

A maternidade é um tema que pode passar despercebido dentro das narrativas, visto que nem sempre é o elemento essencial de seu enredo. Contudo, a partir do momento que nos propusemos a trabalhar com personagens femininas, descobrimos um entrelaçamento desses dois objetos: mulher e maternidade. Por isso, causa estranheza quando visualizamos situações, na literatura, em que o ato de ser mãe é posto à prova, seja pela incapacidade de gerar um filho, seja pela necessidade de roubar de outra o direito de ser mãe ao raptar seu filho. Isso porque, historicamente, seguimos a crença difundida pelo mito do amor materno (1985), de que a mulher só encontrará sentido para sua vida a partir do momento que se torna mãe, que mãe não se cansa e vive somente para seus filhos, com amor e devoção.

Diante do exposto, as personagens analisadas mostram que a literatura pode tratar de temas delicados, como a maternidade fora dos padrões, de forma também delicada, fazendo, até mesmo, com que tenhamos empatia por elas, tão cheias de imperfeições como nós. A mulher, seja ela real ou fictícia, antes de ser esposa, mãe, dona de casa e tantos outros papéis sociais a ela destinados enfaticamente, é simplesmente uma mulher. Compreender que nem toda pessoa do sexo feminino tem a pretensão de ser mãe, ou que, para muitas delas, a maternidade é muito mais um peso do que um prêmio, é um primeiro passo para o respeito mútuo.

Ser mãe não deve ser encarado como um belo sacrifício pelo qual toda mulher luta. Ser mãe deveria ser uma escolha livre e longe de estigmatizações para que se torne uma parte boa da vida e não apenas uma obrigação. Ser mãe não deveria ser uma sentença tão pesada ao ponto de uma mulher precisar roubar o filho de outra para adquirir a paz da maternidade. Ser mãe precisa ser visto como algo real, com momentos prazerosos e outros nem tanto, mas, por sua complexidade, algo especial a partir do momento que a mulher toma essa decisão. Porque só ela pode ser mãe, e ninguém vai fazer isso por ela.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução de Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ARCHER, Maria. **Nada lhe será perdoado**. Edições SIT: Lisboa, 1953.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- HOOKS, bell. **Teoria Feminista: Da Margem ao Centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MEDEIROS, Aldinida. **Mulheres no romance histórico contemporâneo português**. Curitiba: Appris, 2019.
- NAVARRO, Brenda. **Casas vazias**. Tradução de Livia Deorsola. Porto Alegre: Dublinense, 2022.
- STELLIN, Regina Maria Ramos; MONTEIRO, Camila Fonteles d'Almeida *et al.* Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. **Estilos da Clínica**, v. 16, n. 1, 170-185, 2011.